

**“Eles nos pariram”: análise da construção da figura mãe/avó Lilia Celiberti pela Revista
VEJA no caso que ficou conhecido como
“Sequestro dos Uruguaios” (1978 a 1980)**

Vanessa Lieberknecht, PUCRS
vanessalieberknecht@yahoo.com.br

O objetivo principal dessa pesquisa é analisar o papel de Lilia Celiberti, mãe de Lilián Celiberti personagem do caso que ficou conhecido como “sequestro dos uruguaios” na cidade de Porto Alegre em novembro de 1978. Será analisado: o tipo de construção da imagem que a imprensa, sendo aqui utilizada a Revista VEJA, fez dessa mãe/avó, ocasionando que ela saísse do privado e atingisse o público, ou seja, o espaço político.

A metodologia empregada para esta análise estará fundamentada no exame do discurso jornalístico o qual a revista empregava para dar repercussão ao caso, pois como mostra Pierro Nora “para que haja acontecimento é necessário que seja conhecido”. Logo a imprensa constrói a imagem de dona Lilia Celiberti de modo que ela atingisse as sensibilidades individuais da população, mobilizando segmentos sociais em favor do caso.

Deste modo, para entender esse processo, se faz necessária uma rápida contextualização do período peculiar em que a década de 1970, principalmente, se configurava.

A configuração do cenário bipolar durante a Guerra Fria (EUA X URSS), trouxe como consequência políticas extremadas para assegurar a aplicação das ideologias dominantes. No caso dos Estados Unidos essa preocupação se mostrou com o medo de que o modelo da URSS pudesse se disseminar. Num primeiro momento a preocupação norte-americana era com a Europa, num segundo, após a Revolução Cubana, os Estados Unidos se voltam para a América Latina, preocupando-se em perder sua área de influência.

É dentro deste contexto que os Estados Unidos elaboram uma ideologia que dará norte para as ações contra as esquerdas, que os futuros golpistas utilizarão na

América Latina, a chamada Doutrina de Segurança Nacional. Até o final da década de 1960, o único país a utilizar esta doutrina era o Brasil. Em pouco tempo, no início da década de 1970, esta ideologia já está disseminada no sul da América Latina, sobretudo após a formação das escolas de treinamento militar subsidiadas pelos Estados Unidos, como é o caso da Escola do Panamá.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Assim, a justificativa utilizada para o golpe será a da Segurança Nacional, e o discurso de legitimação dos militares está impregnado de valores simbólicos para a identificação da população com o novo regime que se firmava, no caso o mais simbólico de todos, o da família. Assumiam, desta forma, a responsabilidade de tornar o país homogêneo, com valores da família (os mais sólidos), para que a Nação alcance o progresso almejado. Como mostra Maria José Rezende:

O fortalecimento da família enquanto instituição máxima de internalização e sedimentação dos valores propagados pela ditadura significava, segundo os condutores do regime, o fortalecimento do Estado no sentido almejado pelo movimento de 1964. A exaltação dos valores de integração, harmonia, ordem e disciplina tinha, na família, segundo o regime, seu interlocutor fundamental¹.

Dentro desta perspectiva, a família assume um valor muito importante, supostamente assegurado pelos militares. Porém, com o acirramento da política repressiva e a instauração do Terrorismo de Estado², passa a haver uma contradição no discurso militar, pois as famílias passam a ser vítimas do Estado Terrorista como forma de pressão sobre os opositores. Deste modo, conforme mostra Eduardo Duhalde, os familiares eram vítimas indiretas do Estado Terrorista, pois são atingidos pela angústia do incerto destino de seus integrantes. Duhalde escreve que:

El dolor, la impotência, la incertidumbre, la inseguridad y también un irracional sentimiento de culpa – por não haber podido impedir el secuestro – se entremexclan con la indignación ante esta aberrante conducta de las fuerzas armadas³.

Aos poucos, a estrutura na qual os militares golpistas garantiam que iriam proteger, a da família, estava constantemente sendo desestruturada. A Doutrina de Segurança Nacional, dita como a Doutrina da família passa a perder seu sentido de legitimação para as pessoas a qual essa política estatal atingia. Como quanto mais opressor o Estado se mostra vão surgindo novas formas de reivindicação e oposição, surge neste cenário a figura das mães dos desaparecidos reclamando por seus filhos, e gradativamente se tornando um bloco oposicionista forte dentro dos governos ditatoriais.

Horácio Riquelme analisa o efeito que causa em uma família o efeito de ter um ente desaparecido. Para ele o fato de não se ter um ritual final “rompia o delicado vínculo cultural que

¹ REZENDE, Maria José. **A Ditadura Militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade (1964-1984)**. Londrina: UEL, 2001. P. 39.

² Braço repressivo do Estado Militar. Ambos coexistem, o primeiro garantindo as características legitimadoras e o segundo agindo de forma clandestina somente para a repressão e terror sistemático aos opositores do Estado vigente. Para analisar este tipo de Estado o principal autor utilizado será Eduardo Duhalde.

³ DUHALDE, Eduardo. **El Estado Terrorista Argentino**. Buenos Aires: Cabalito, 1983.. P. 181.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

relaciona os vivos com os mortos; a família e a comunidade se sentiam profundamente inseguras, como se tivessem violado coletivamente um tabu”⁴. O autor segue ainda dizendo que:

O efeito que um “desaparecimento” produz em familiares e amigos caracteriza-se por uma situação altamente contraditória, uma vez que é sabido que as forças repressivas torturam sistematicamente seus prisioneiros; os familiares alimentam sentimentos de impotente compaixão (...), mas misturados com outros que manifestam uma esperança ‘irracional’ (...). Os familiares descrevem esta situação como um “shock permanente, uma situação de crise latente e contínua, na qual a tristeza e a dor causadas pela ausência da pessoa querida são sentidas eternas”⁵.

Riquelme também fala que a ausência da pessoa adquire “*uma qualidade crônica nos familiares e incide profundamente em seu comportamento social*”⁶. Nessas condições, o autor define que os familiares de desaparecidos passam por três fases:

1) A reação imediata, comumente, enche de desconcerto e angústia existência. “Serei capaz de fazer perguntas adequadas sem comprometer a outros?” Não se está agindo inadvertidamente e colocando em maiores perigos o “desaparecido” e outro de seus familiares? Isto conduz freqüentemente a uma atitude de perplexidade inativa como “depois da queda de um raio”.

2) Depois de algum tempo, segue-se uma fase de procura desesperada, na qual os familiares fazem todo o possível e imaginável para saber do paradeiro do desaparecido. A absoluta incerteza sobre o destino do prisioneiro produz um desassossego extremamente grande, e a esperança de voltar a vê-lo infunde nos familiares a absoluta urgência pelas investigações que realizam.

3) Na terceira fase, geralmente, tomam corpo as ações coletivas dos familiares. Cada um deles chegou por si à conclusão de que a atitude individual não leva a êxito algum e coloca-se a ação conjunta como uma forma de sair deste “labirinto trágico”⁷.

Do tipo de procura pelo coletivo é que vão se estabelecendo redes de ajuda mútua e, conseqüentemente, movimentos de resistência e denuncia dos crimes da ditadura civil-militar – como é o caso das “*Madres de la Plaza de Mayo*”, que juntas hoje formam em um símbolo de crimes contra os direitos humanos. No Uruguai o mesmo aconteceu, porém, como a repressão teve vítimas mais fora do que dentro do território, o processo de formação desse grupo se deu de forma diferente.

Não se juntaram somente as mães, mas sim todos os familiares de desaparecidos, para formar um movimento maior. As “*Madres y Familiares de Detenidos Desaparecidos*” teve seu processo de criação completado em 1985, como informa o livro coordenado por Carlos Demasi e

⁴ RIQUELME, Horacio. América do Sul: direitos humanos e saúde psicossocial. IN.: **Era de Névoas: direitos humanos, terrorismo de Estado e saúde psicossocial na América Latina**. São Paulo: EDUSC, 1993. P. 35.

⁵ RIQUELME, Horacio. Op. Cit. P. 35/36.

⁶ Ibidem. P. 36.

⁷ Ibidem. P.36

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

Jaime Yaffé (que junto com outros autores relatam a história de luta, como diz o próprio título, da formação desta associação), com a fusão de três associações:

Por un lado, se formó un grupo compuesto por familiares de uruguayos desaparecidos en Argentina. Se trató en su mayoría de madres, radicadas en Uruguay, de militantes relativamente jóvenes que fueron secuestrados estando exilados en Buenos Aires. Este nucleamiento recorrió un proceso que comenzó a fines del año de 1976 para culminar en la creación, en 1979, del grupo de Madres de Uruguayos desaparecidos en Argentina.

Un segundo grupo lo constituyó un conjunto de exilados uruguayos que se organizaron en sus respectivos países de asilo, para denunciar la situación de sus familiares desaparecidos ante gobiernos, organismos internacionales y la opinión pública internacional. Este grupo se constituyó en Paris, el 1º de octubre de 1978, con el nombre de Agrupación de Familiares de Uruguayos Desaparecidos (AFUDE).

Un tercer grupo lo conformaron los Familiares de Desaparecidos en Uruguay residentes en el país. Este grupo tomó forma institucional

tardíamente, em abril de 1983, a instancias del Servicio de Paz y Justicia (SERPAJ-Uruguay).⁸

Como a estrutura a qual os militares se comprometiam manter protegida, a da família, estava sendo desarticulada devido as desapareições, as mães passam a reivindicar os seus direitos⁹ em nome dos filhos desaparecidos. Aos poucos, elas vão saindo do privado e ganhando voz de discurso dentro do espaço público. A partir de então, vão formando redes de solidariedade para apoio a essas madres que buscam reestruturar sua família.

Elas são vistas primeiramente como figuras neutras reivindicando pelos seus filhos. Porém, aos poucos, ganham muita notoriedade passando a se transformar em figuras de oposição ao regime ditatorial. Maria Moreira Alves, afirma que o Estado repressivo estruturado pelos militares é tão forte que quanto mais eles tentam eliminar a oposição, vão surgindo novas formas de resistência, neste caso a resistência mais simbólica dentro da sociedade: as mães. Para o caso do Uruguai, Carlos Demasi e Jaime Yaffé apresentam que:

... organización de familiares desaparecidos constituyó una experiencia de militancia imprevista (...). No tenía la complejidad teórica o ideológica [que seus familiares tinham] (...). Las que guiaban eran premisas más básicas, sin dudas más universales. Los que los movía y unía era algo más elemental, más primitivo y propio de su condición humana. Así se aproximaron a la idea de Derechos Humanos, en el rasgo inmanente e innegociable que estos tienen¹⁰.

⁸ DEMASI, Carlos; YAFFÉ, Jaime (coord.). **Vivos los llevaron... Historia de lucha de Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos Desaparecidos (1976-2005)**. Montevideo: Triplice, 2005. P. 22.

⁹ Saber o que de fato havia acontecido com eles, já que nada lhes era informado.

¹⁰ Ibidem. P.17.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Passam gradativamente a ganhar apoio e repercussão, se tornando um grande bloco de oposição, principalmente pelo fato de que são mães¹¹ e estão lutando pelo direito de reconstituição de sua família. O fato dessas figuras frágeis (aos olhos do público), tomarem as ruas por reivindicação passou a ser um grande problema para os militares da Argentina e do Uruguai, tanto que em depoimentos, estas madres relatam que sofriam constantes ameaças e que inclusive algumas chegaram a desaparecer. Carlos Demasi e Jaime Yaffé complementam que *“Había que moverse con energía, y almismo tiempo, con precaución ante el riesgo inminente que entrañaba denuncias de la brutalidad de quienes se perpetuaban en el poder mediante el terror”*¹².

Desta forma, podemos complementar este surgimento de oposições com Maria Moreira Alves que afirma que das constantes necessidades de alterar suas estruturas do Estado de Segurança Nacional, acaba gerando grandes contradições, duas¹³ delas são:

O Estado de Segurança Nacional é incapaz de eliminar completamente a oposição; cada campanha repressiva contra determinado setor da oposição leva ao embate de setores até então não envolvidos, que protestam contra o uso da força. (...). A tentativa de eliminar a oposição pela força ignora as injustiças reais que estão na raiz do conflito; a disseminação não é, assim, eliminada, mas simplesmente transferida de um para outro setor da sociedade civil¹⁴.

Assim, em nome de suas famílias desestruturadas, as mães deixam seus lares em busca de seus filhos numa luta que irá percorrer vários países, sobretudo no período da formação da Conexão Repressiva Condor. Estas mães, das quais a maioria não tinha convicção política alguma, se transformam em um grande bloco de oposição ao Estado de Guerra Suja. “Eles nos pariram” como resume bem Hebe Bonafini, líder das *“Madres de la Plaza de Mayo”*, pois sem intenção direta, os golpistas acabaram gerando este setor oposicionista com reivindicações legítimas e de princípios universais: o da família que os militares tanto afirmaram que iriam preservar.

É neste contexto de instabilidade que vai ocorrer o seqüestro dos uruguaios na cidade de Porto Alegre. O seqüestro e prisão de militantes uruguaios que estavam no Brasil só foi possível devido ao estabelecimento desde 1975 da conexão repressiva Condor. A formação dessa conexão proporcionou que as fronteiras territoriais fossem abolidas e se pudesse seguir o mesmo ciclo de Terrorismo de Estado: seqüestro → tortura → interrogatório → desaparecimento. Esse último a cargo do país de origem do *subversivo*.

¹¹ Sobretudo no caso das Madres que eram mais visadas, o resto dos familiares só obtiveram um papel importante em informes internacionais. Logo, como a figura materna era a que carregava mais simbologia, elas despertavam mais sensibilidades nas pessoas para obter apoio.

¹² Ibidem. P. 18.

¹³ A autora cita quatro, mas de relevância ao trabalho são só as duas.

¹⁴ ALVES, Maria Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. Bauru, SP: EDUSC, 2005 . P. 33.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

O seqüestro ocorreu na cidade de Porto Alegre, no dia 12 de novembro de 1978, onde foram levados Lilián Celiberti, seus dois filhos Camilo (oito anos) e Francesca (três anos) e Universindo Diaz por policiais brasileiros e uruguaiois. Lilián consegue “burlar” os policiais e voltar para Porto Alegre, onde a imprensa conseguiria ser testemunha do caso.

As denúncias começam a ser publicadas nos jornais no dia 21 de novembro, porém sem grande repercussão, até que chega à cidade de Porto Alegre dona Lilia Celiberti, mãe de Lilián. Assim, a imprensa construirá a imagem dela para dar maior visibilidade ao caso. Desta forma, analisaremos como que a revista VEJA vai construir a imagem de dona Lilia trazendo-a para o espaço público.

A opinião pública será atingida pelas sensibilidades do qual a figura de dona Lilia representa. Segundo Sandra Pesavento:

As sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento no mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. (...) A esfera das sensibilidades se situa num espaço anterior à reflexão¹⁵.

Assim, estas apropriações das sensibilidades individuais são passadas para o coletivo, pois alguns tipos de sensibilidades são constituídos quase que universalmente, onde a mais forte seria a da mãe. Pesavento ainda mostra que

As sensibilidades se apresentam, portanto, como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecimento. O sentimento faz perdurar a sensação e reproduz esta inserção com a realidade¹⁶.

Deste modo, a imprensa construirá a imagem de dona Lilia baseando-se no poder simbólico que esta figura trazia consigo, e também apelando para as sensibilidades individuais. Aos poucos, alguns segmentos sociais passam a se voltar em favor do caso por se identificar com a apreensão pela busca de sua família.

A construção da figura de Dona Lilia é significativa, pois ela representa três símbolos socialmente construídos: avó, mãe e família. Esta significação desperta ao conjunto de pessoas atingidas por essas reportagens, uma sensibilidade, conforme desenvolvido acima, se identificando com a pessoa apresentada, no caso Dona Lília. Em

¹⁵ PESAVENTO, Sandra (Org.) ; LANGUE, F. (Org.) . **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007. P. 9.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra. Op. Cit. P.14/15.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

outras palavras, a dor do indivíduo mãe/avó consegue se transportar para o coletivo, carregando consigo expectativas e sentimentos que darão maior visibilidade para esta figura.

Dona Lilia aparece, assim, como uma mãe que reivindicava sua família. Ela vem a Porto Alegre para obter esclarecimentos sobre o que havia acontecido com sua família.

A partir disso, se pode definir dois eixos de construção da figura de dona Lilia por parte da revista VEJA:

- Primeiro como avó: logo no início do seqüestro quando ela tenta resgatar a guarda de seus netos, também desaparecidos. A imprensa inicia a construção da imagem dela apelando para as sensibilidades individuais, de uma avó que quer seus netos. Neste momento ela não é apresentada como uma figura política. A legitimação de seu discurso se deve ao fato de que os órgãos que supostamente deveriam ajudá-la a reestruturar sua família, estavam se omitindo.

- Segundo, como mãe: após a devolução dos netos de dona Lilia, a construção de sua imagem seria vinculada a de uma mãe que queria saber onde está a sua filha, e que se preocupa com a segurança dela. Sua imagem agora será trazida para o público, mostrando que ela havia ganhado repercussão, pois estava sendo ameaçada constantemente pelos órgãos de segurança. A revista VEJA mostra que ela sofre as conseqüências do Terrorismo de Estado, apresentando a contradição no discurso militar, pois diziam garantir a estrutura da família e, quando uma mãe lutava por sua filha, era ameaçada por isso.

Com isso, a construção da imagem de dona Lilia permitiu que ela ganhasse mais espaço de reivindicação de modo que conseguisse atingir o espaço público. Isso se verifica pelo fato de que, no contexto da ação da Condor, geralmente os opositores seqüestrados entravam para a lista de desaparecidos.

A repercussão que a imprensa deu, e o papel fundamental que dona Lilia desempenhou, sem dúvida alguma contribuíram para que Lilián e Universindo sobrevivessem. A pressão que ela exerceu, e a construção que a imprensa fez de sua imagem também a ajudaram a restituir a guarda de seus netos.

“**Devolvam meus netos**”, frase de dona Lilia foi um ponto de inflexão no caso do seqüestro, pois a partir de então os segmentos sociais se voltam em favor do caso. A partir de então, contando com toda a simbologia que a matriarca possuía, ela ganhou o espaço do público, se tornando uma figura política e de oposição ao regime vigente.